

editorial
editorial

entrevista
interview

ágora
agora

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projeto
project

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

V!22

REVISTA V!RUS
VIRUS JOURNAL

issn 2175-974x
julho . july 2021



ÁGORA
AGORA

DINÂMICAS URBANAS INTERGERACIONAIS: TERRITORIALIDADE E COVID-19
INTERGENERATIONAL URBAN DYNAMICS: TERRITORIALITY AND COVID-19
THAIS LIBARDONI, LÍGIA CHIARELLI

PT | EN

Thais Debli Libardoni é arquiteta e urbanista e mestra em Arquitetura e Urbanismo. Atualmente, é pesquisadora colaboradora do Laboratório de Estudos Comportamentais da Universidade Federal de Pelotas (LABCom/UFPel), onde investiga as relações ambiente-comportamento na promoção de cidades mais sustentáveis e saudáveis para o envelhecimento. thais_libardoni@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5362945351607053>

Lígia Maria Ávila Chiarelli é arquiteta e doutora em História. É professora aposentada da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma universidade. Orienta pesquisas sobre a percepção do ambiente pelo usuário, cidades amigas da idade, habitação social e gênero, e feminismo. É pesquisadora do projeto PlaceAge, parceria entre Reino Unido, Índia e Brasil, sobre idosos e o senso de lugar. biloca.ufpel@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5461905199934346>

Como citar esse texto: LIBARDONI, T. D.; CHIARELLI, L. M. Á. Dinâmicas urbanas intergeracionais: territorialidade e COVID-19. **VIRUS**, São Carlos, n. 22, Semestre 1, julho, 2021. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus22/?sec=4&item=9&lang=pt>. Acesso em: 17 Jul. 2021.

ARTIGO SUBMETIDO EM 7 DE MARÇO DE 2021

Resumo

O contexto da pandemia de COVID-19 demanda cidades seguras e inclusivas para retomar a coesão comunitária e o contato intergeracional, enfraquecidos pelo distanciamento social. Nesse processo, espaços urbanos, que são fonte social para jovens e idosos, perdem heterogeneidade devido ao acesso diferencial. Buscando produzir recomendações projetuais para espaços intergeracionais possivelmente adaptáveis ao contexto pandêmico na América Latina, realizou-se uma análise da ação de elementos territoriais na permeabilidade de microterritórios etários. Um estudo de caso conduziu o mapeamento comportamental em áreas de apropriação e rejeição dos grupos, gerando recomendações sobre contato visual; ambiências diferenciadas; camadas temporais; uso potencial; separação fluxo/permanência e diversidade de atividades. Tais recomendações num contexto latino-americano buscam processos endógenos de intervenção, apoiados na teoria e práxis urbana. Elas exploram o potencial atrator dos territórios na dinâmica urbana intergeracional, seguindo diretrizes de distanciamento social. Destaca-se que territórios devem ser considerados em conjunto, num contexto fragmentado pelas especificidades etárias, porém conexo e permeável pelas semelhanças intergeracionais. O cenário demanda uma maior coordenação de ações nos países

da América Latina, promovendo conexões físicas e visuais em estruturas urbanas fragmentadas.

Palavras-chave: América Latina, Dinâmica urbana, Pandemia COVID-19, Relações ambiente-comportamento, Territórios etários

1 Introdução

O ano de 2020 impulsionou as discussões sobre cidades saudáveis. A urgência em frear a pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2 tornou necessário o distanciamento social para evitar o contato com pessoas infectadas assintomáticas. Por conseguinte, houve restrição de acesso a espaços públicos, grandes atratores à convivência intergeracional. Ainda que haja uma aparente contradição entre a vida pública e a manutenção do distanciamento social, esses espaços são cruciais para diminuir impactos nocivos da pandemia na saúde mental (MOULAY; DAOUIA, 2020).

A demanda é por um conceito abrangente de cidades saudáveis e seguras, que também sejam humanizadas e inclusivas (GEHL, 2015). Porém, ao aproximar desconhecidos, os espaços públicos são percebidos com insegurança (LOW; SMART, 2020). A questão emergente é como manter a acessibilidade igualitária a espaços sociais se adaptando a diferentes condições de proximidade social. A complexidade é ainda maior onde a segregação é consolidada através de processos históricos e há uma rigidez territorial característica do modernismo e comum na América Latina (MARICATO, 2000).

Estudos latino-americanos sobre o acesso diferencial à cidade consideram condições socioeconômicas, mas ignoram questões comportamentais na distribuição física de grupos sociais (FREHSE, 2016). Além das assimetrias socioeconômicas, diferentes grupos etários têm condições desiguais de acesso e apropriação da cidade (O'SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010). Esse fato é inquietante especialmente na África e na América Latina, onde um processo acelerado de envelhecimento vem alterando o perfil demográfico (WHO, 2019). A Organização Mundial da Saúde afirma que se vive mais e de forma mais saudável, mas reconhece que a pandemia pode alterar esse cenário (WHO, 2020).

A COVID-19 expõe e amplifica desigualdades geracionais (BURKE, 2020), prejudicando a integração social em arranjos etários diversos. Relações intergeracionais atenuam o ageísmo (O'SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010), que aumentou criticamente com a pandemia (BBC NEWS, 2020). Em direção oposta à preconizada pela evolução do conceito de envelhecimento, os idosos, enquanto grupo de risco à COVID-19, voltaram a ser vinculados à fragilidade e dependência, distorcendo a heterogeneidade desse grupo etário. O preconceito se fortalece pela tendência de idosos ocuparem por mais tempo as unidades de saúde, contribuindo para a falta de vagas na terapia intensiva (MORAES et al., 2020). Além disso, Burke (2020), diretor da *United for All Ages*, no Reino Unido, alerta que o distanciamento social pode limitar oportunidades de contato intergeracional.

Na retomada da coesão comunitária, a intergeracionalidade passa pela relação usuário-ambiente, produzindo vitalidade urbana e desconstruindo reputações negativas que lugares adquirem devido à tensão entre jovens e idosos (HOLLAND et al., 2007). Uma forte divisão etária interfere em percepção e comportamento, produzindo diferenças de acesso e entre grupos. Jovens e idosos são vulneráveis e necessitam de estímulo à integração social por razões distintas: jovens não se identificam com espaços infantis ou adultos e são frequentemente expostos à criminalidade (LAYNE, 2009) assim, seus agrupamentos são relacionados à desordem e insegurança; e idosos podem ter dificuldade na apropriação urbana e propensão à solidão (O'SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010), fortalecida pela pandemia (BURKE, 2020).

Os impactos da COVID-19 são assimétricos, evidenciando vulnerabilidades diferenciais (HARVEY, 2020). É necessário recuperar o espaço urbano para jovens e idosos, mas a influência ambiental no seu convívio é pouco investigada. A pesquisa que originou esse artigo avançou ao aplicar uma metodologia de comparação perceptiva (LAYNE, 2009) num estudo de caso com análise comportamental, no qual os grupos constituíram microterritórios etários, apropriações sociais com atributos territoriais e identidade relacionada às particularidades dos usuários (LIBARDONI, 2018).

Nos microterritórios, o comportamento social é fomentado por atributos físicos, usos e significados, que compatibilizam sua identidade com a identidade do usuário. A territorialidade é temporária, muda de tamanho, forma e natureza, se adaptando a indivíduos e grupos (ASCHER, 2010). Sua permeabilidade também reflete o espaço pessoal: usuários com identidade própria frágil podem desejar menos contato e a territorialidade reforça essa percepção (SACK, 1983). Assim, a permeabilidade é física e subjetiva e interfere na coexistência de territórios e na dinâmica intergeracional.

A pesquisa original forneceu subsídios para projetos urbanos intergeracionais através de atributos, qualidades e características convidativos a jovens e idosos (LIBARDONI, 2018). O objetivo deste recorte é produzir recomendações projetuais para espaços intergeracionais possivelmente adaptáveis ao contexto pandêmico e sensíveis ao cenário latino-americano, a partir da análise da ação de elementos territoriais na permeabilidade em apropriações de jovens e idosos.

2 Sociabilidade urbana no contexto latino-americano: jovens e idosos

Uma modernização urbana sustentável atende à dinâmica social, conferindo às cidades a capacidade de acompanhar a complexidade da sociedade (ASCHER, 2010). Há reflexão durante todo o processo de intervenção, privilegiando a negociação, a diversidade e os contextos histórico, econômico e social que orientaram a produção do espaço urbano. Essa contextualização evita a importação de conceitos de outras realidades, comum na América Latina, onde a distância entre teoria e prática gera intervenções impostas, sem adaptação à realidade local e fragmentação territorial (VALENCIA, 2013).

Ao desconsiderar a realidade local, usos tradicionais, significados construídos por apropriações (FILGUEIRAS, 2008) e sentido de lugar são enfraquecidos. A fragmentação ocorre pela falta de conexão entre espaços urbanos e intervenções pontuais. Estruturas urbanas desconexas são originadas em processos truculentos de negociação territorial e na priorização do automóvel para estipular escalas e fluxos (ÁLVAREZ; FERREIRA, 2016). Essa dispersão, aliada a espaços sociais desqualificados (COURET, 2015), altera modos de vida e a heterogeneidade da convivência (FILGUEIRAS, 2008), agravando desigualdades e o acesso diferencial à cidade.

As separações físicas e simbólicas na estrutura urbana inferiorizam certos segmentos sociais (RIBEIRO, 2004), prejudicando coesão social e integração comunitária, especialmente de idosos, que têm nos espaços urbanos uma fonte social primária, ativa ou passiva (LIBARDONI, 2018). Com a aposentadoria, idosos perdem a imagem ativa e seu círculo social se reduz. Essas perdas individuais se somam às coletivas, decorrentes de profundas mudanças espaciais arbitrarias, afetando sua identidade, que é tão sensível quanto a do jovem (PAPALIA, FELDMAN, 2013).

Os jovens estão formando sua identidade, transpassada pela espacialização da segregação urbana. Seu comportamento territorial demarca limites entre diversas "tribos urbanas" latino-americanas, que têm identificações musicais; esportivas; "artistas", como a pichação, que marca a presença dos excluídos (SCARDINO, 2017); políticas, como movimentos estudantis; antissistema, como "rolezinhos", encontros de grandes grupos da periferia em espaços elitizados; e com o crime. Elas produzem apropriações transgressoras em espaços não suportivos às suas necessidades (RODRÍGUEZ, 2016).

Essa instabilidade envolvendo a juventude e as grandes desigualdades sociais em centros urbanos latinos agravam a sensação de insegurança, prejudicando as relações com os idosos. Apesar disso, a hipótese intergeracional sugere uma busca por qualidade de vida comparável, devido a estágios de desenvolvimento com necessidades semelhantes: jovens buscam desenvolver habilidades físicas, psicológicas e sociais e idosos, manter essas competências (LAYNE, 2009). Essa similaridade sinaliza a relevância urbana para eles e corrobora que projetos podem atender a diádes etárias, se consideradas semelhanças e particularidades.

3 Sociabilidade urbana em apropriações: territórios

As apropriações dão significado e identidade ao espaço, que passa a ser um lugar (RELPH, 2009) onde padrões comportamentais dinâmicos seguem fatores espaciais e humanos estabelecendo arranjos, distâncias pessoais e fluxos (SACK, 1981, apud SACK, 1983). Ao abordar fluxos e permanências deve-se considerar a reconfiguração das relações pessoa-ambiente através das restrições de mobilidade impostas pela COVID-19 (DEVINE-WRIGHT et al., 2020) dentro e fora dos territórios. Atendendo à nova dinâmica surgiram estratégias de adaptação aos parâmetros sociais seguros.

Territórios são adaptáveis e sobrepõem camadas temporais de apropriação, que deixam indícios umas nas outras, modulando relações de apropriação, rejeição, segregação ou integração. Relações são verticais quando um grupo possui acesso diferencial (SACK, 1983); ou horizontais, quando há coexistência equilibrada (ALEXANDER et al., 1977). E, apesar das particularidades, alguns fatores são comuns aos territórios (HAESBAERT, LIMONAD, 2007), sustentando as análises do estudo:

- Simbolismo: valores e identidade partilhados por um grupo, auxiliando sua coesão;
- Grau de abertura: as fronteiras podem ser permeáveis e conectadas ou fechadas;

- Continuidade: conexões entre fragmentos são mediadas por relações sociais e fortalecem o território;
- Temporalidade: mudanças com o tempo, permanentes, cíclicas ou circunstanciais;
- Instabilidade: facilidade de recompor fronteiras, diminuir ou aumentar a acessibilidade;
- Intercruzamento: capacidade de se relacionar ou se inserir em outros territórios;
- Escala: nível de abrangência.

4 Metodologia

O estudo de caso foi conduzido em Pelotas, Rio Grande do Sul, onde, em 2010, havia 328.275 habitantes, dos quais 16,6% eram jovens (15 a 24 anos) e 15,2% idosos (60 anos ou mais) (IBGE, 2010). O município possui traços recorrentes de cidades latino americanas de colonização portuguesa e espanhola. São características espaciais e desigualdades socioeconômicas que permeiam seus principais problemas urbanos atuais. Em Pelotas, alguns espaços priorizam funcionalidade e consumo em detrimento da experiência do usuário (COURET, 2015), produzindo uma insatisfação retratada em estudos latinos (PÁRAMO et. al, 2018); dividem atividades por idade, não contemplando todas (RODRÍGUEZ, 2016); e têm acessibilidade diferencial potencializada pela fragmentação urbana.

De caráter quali-quantitativo e amparada pela Psicologia Ambiental, a pesquisa foi finalizada em 2018. Pesquisas bibliográfica e documental embasaram levantamento físico e mapeamento comportamental, uma observação sistemática (SANOFF, 1991) que descreveu atividades em quatro tipologias no centro histórico, área de abrangência municipal, com circulação diária de pessoas de perfil socioeconômico heterogêneo (Figura 1). Doze observações aconteceram em cada tipologia, em dias de semana, sábados e domingos, às 9:30h, 11:30h, 15:30h e 17:30h. As condições normais de uso, anteriores à COVID-19, permitiram mapear comportamentos naturais de jovens e idosos que podem ser incentivados ou adaptados sob alerta sanitário, possibilitando a posterior comparação entre cenários.

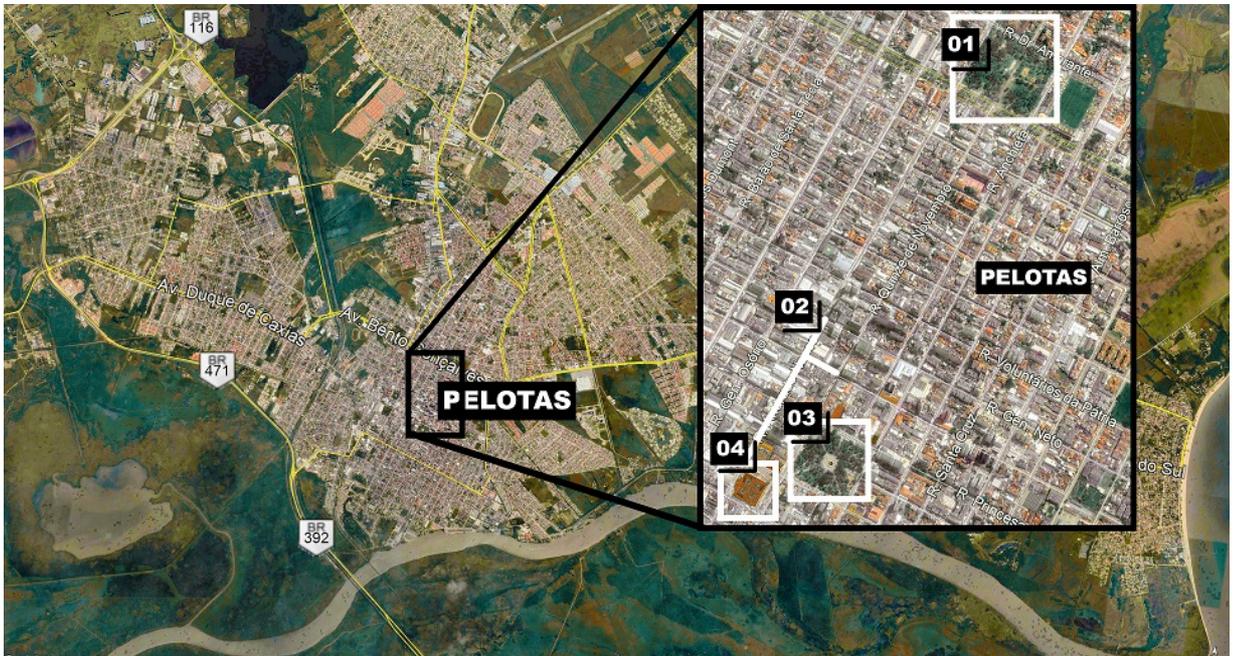


Fig. 1: (1) Parque D. Antônio Zattera, (2) Calçadão, (3) Praça Cel. Pedro Osório, (4) Largo do Mercado. Fonte: Mapa do Google Earth com anotações das autoras.

5 Dinâmica urbana a partir do comportamento de jovens e idosos

A análise a seguir considera apenas as tipologias de apropriação do público jovem, majoritário em uma das áreas da praça, e idoso, igualmente representativo em um setor do calçadão. Essa setorização possibilitou identificar padrões comportamentais de apropriação e rejeição.

5.1 Praça

Com configuração radial, seus caminhos convergem ao chafariz, concentrando fluxos e delimitando áreas verdes. Foram observados 2.084 usuários e a dinâmica jovem gerou apropriação na área 2 e rejeição na 8 (Figura 2).

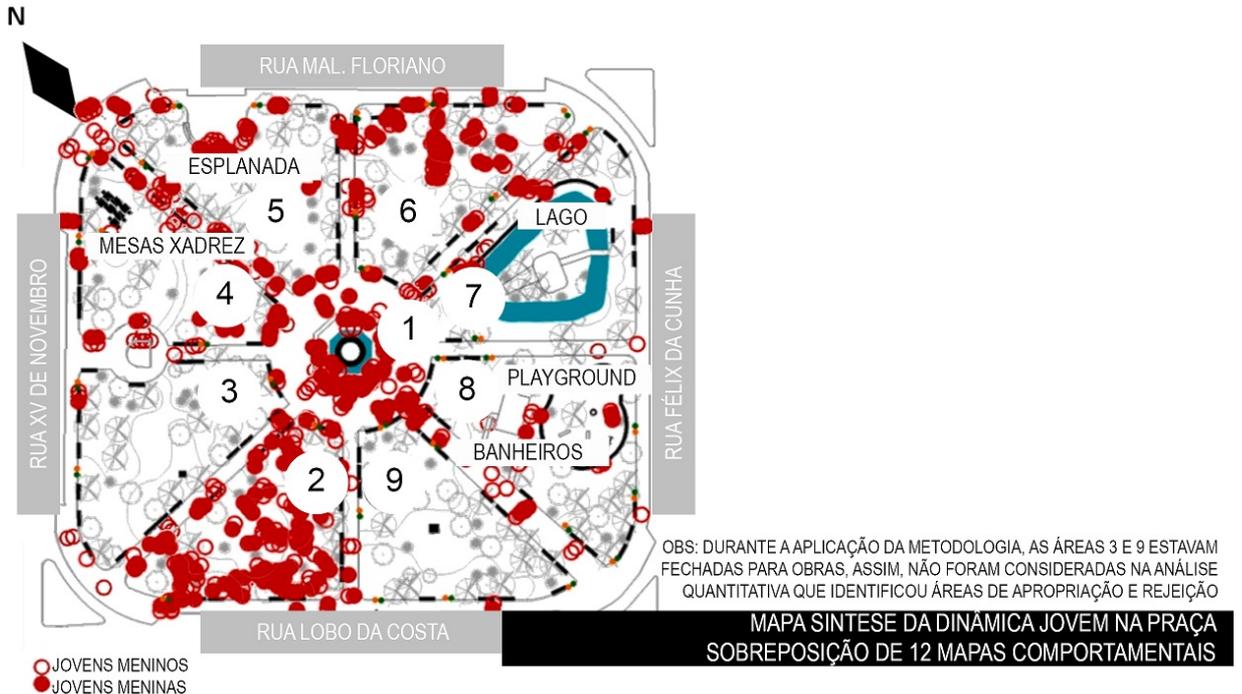


Fig. 2: Dinâmica jovem na praça. Fonte: Autoras, 2021.

5.1.1 Microterritório jovem

O setor 2 é um canteiro onde a ocupação jovem representa 44% do total. Seu desenho fronteiriço é delimitado por desnível e bancos, conferindo rigidez aos limites da área. Há duas ambiências principais: (i) central – espaçosa, aberta, ensolarada, com gramado e vegetação baixa; e (ii) periférica – com grama esparsa e árvores de sombra, que não impedem a visualização do entorno ou do chafariz.

Grupos jovens preferiam a área central e a privacidade junto à vegetação baixa. A busca por socialização e privacidade é intensa na juventude (HOLLAND et al., 2007). Jovens estavam centrados em si e em suas atividades (ANDRADE, 2010), valorizando espaços potenciais, informais e protetivos voltados ao centro. Idosos e grupos intergeracionais privilegiavam uma ocupação formal e a externalidade, inclusive dispendo cadeiras na periferia do espaço para observar os jovens. A configuração aumenta a divisão espacial, representando um padrão interessante de ocupação intergeracional espontânea (Figura 3) e destacando a integração passiva daqueles com círculos sociais reduzidos pela atratividade externa a territórios sociais.

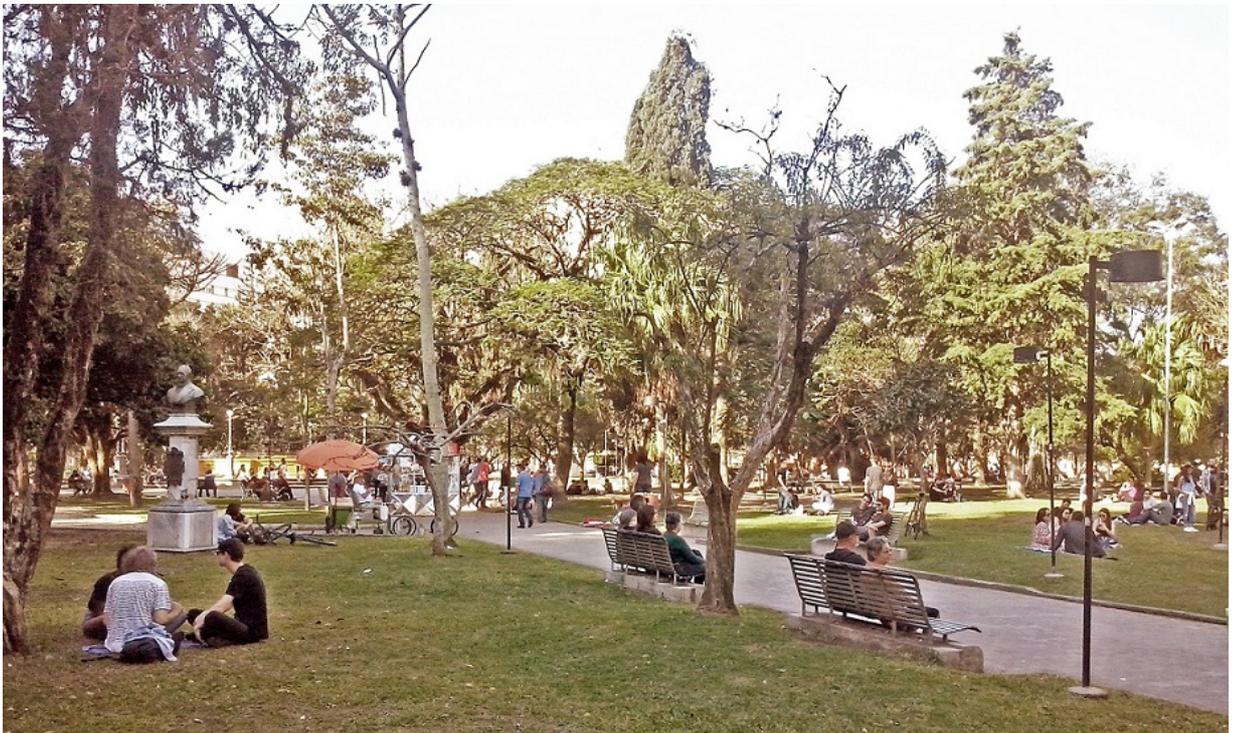


Fig. 3: Grupos intergeracionais e idosos observam jovens em seu território (direita). Fonte: Autoras, 2017.

As ambiências fragmentam o território em escala pessoal e social. Mesmo sem oferecer formalmente atividades, a potencialidade instiga uma personalização liderada por grupos que buscam acesso igualitário à cidade (SCARDINO, 2017). Diversas atividades não previstas (*slackline*, piquenique, *frisbee*...) conferem um uso cíclico que amplia a variedade de usuários ao longo do dia, produzindo ritmo e intercruzamento territorial. Apesar das diferentes identidades jovens, a harmonia entre núcleos durante o uso intenso era aparente. Na apropriação há potencial de subversão (LEFEBVRE, 1991) e significado de transgressão (SHAW; HUDSON, 2009) de movimentos que, quando vinculados a esportes como *skate* e *slackline*, demandam espaços suportivos e seguros, diminuindo riscos de práticas clandestinas, comuns em países latino-americanos (RODRÍGUEZ, 2016).

Esse tipo de apropriação na área é recente, impulsionada pela população universitária flutuante que cresceu em quantidade e heterogeneidade com os novos sistemas de acesso ao ensino superior. Nessa apropriação, universitários de diferentes origens se misturam aos grupos locais. A multiplicidade de identidades da área e dos usuários se complementam, compondo o cenário urbano contemporâneo latino-americano de diversidade, onde apropriações sociais jovens são atravessadas por discontinuidades, numa "plasticidade" que permite reunir mundos culturais diversos (MARTIN-BARBERO, 2006).

5.1.2 Área de rejeição jovem

A área 8 tem delimitação similar à área 2, mas uma ocupação jovem de apenas 10% do total. É sombreada, não tem grama ou vegetação baixa, configurando fragmentação, mas não privacidade ou escala pessoal. Sua divisão espacial em banheiros e *playground* impede o acesso visual ao chafariz e ao restante da praça, isolando de outros territórios etários (Figura 4). O acesso visual a diferentes estações de atividades etárias é uma estratégia adotada em parques intergeracionais, como o "*Bomboli*", no Equador.



Fig. 4: O *playground* isolado do restante da praça. Fonte: Autoras, 2016.

Alguns jovens sentavam nos balanços ou no banco perimétrico. Poucos idosos na periferia observavam as atividades do centro, indicando uma atratividade externa atenuada pela falta de acesso visual. O significado lúdico do *playground* se perdeu em vias de funcionalidade: brinquedos padronizados produziam comportamentos iguais, limitando a criatividade e a variação cíclica de usos. O caráter fixo do equipamento também diminuiu o inter cruzamento de núcleos, demonstrando rigidez territorial. Há uma temporalidade tradicional, desconsiderando soluções contemporâneas inesperadas que atraem diversas idades, como do “Parque de los Pies Descalzos”, na Colômbia, que mistura temas pedagógicos e infantis do parque de areia à tranquilidade do jardim zen e privacidade do bosque de bambus.

5.2 Calçadão

Uma formação em “T” liga dois trechos lineares de calçadão, seu encontro é marcado por um chafariz. Nessa tipologia, fluxo e permanência se misturam. Foram observados 3.348 usuários e a dinâmica idosa configurou apropriação na área 8 e rejeição na 5 (Figura 5).

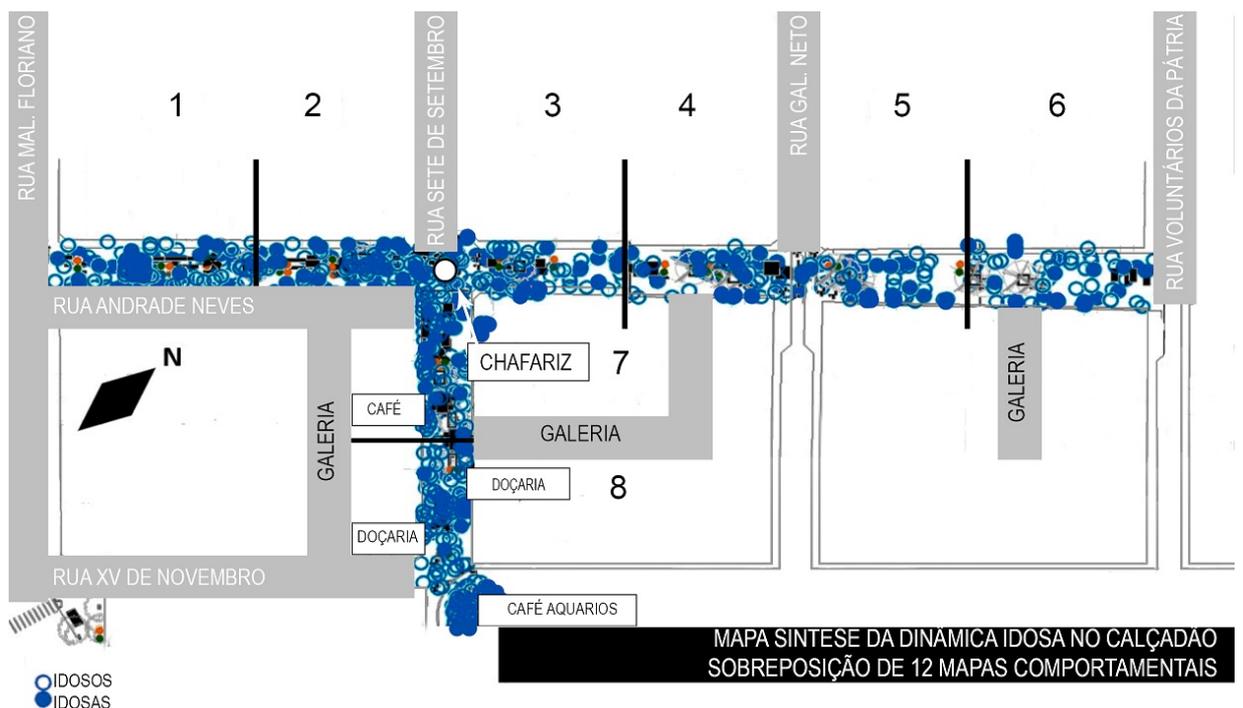


Fig. 5: Dinâmica idosa no calçadão. Fonte: autoras, 2021.

5.2.1 Microterritório idoso

Com uma ocupação idosa de 47,7% do total, o trecho 8 se diferencia de outras áreas do calçadão por: (i) concentrar cafés e confeitarias tradicionais que, com mesas externas, estendem a sociabilidade ao espaço público, enquanto nos outros trechos predominam lojas de vestuário; (ii) menor fluxo e maior permanência; (iii) ser um apêndice funcional do calçadão movimentado, integrado a ele pelo acesso visual ao chafariz. Os idosos estavam de pé em núcleos sociais simultâneos nas periferias (Figura 6), em frente às confeitarias e ao Café Aquários, tradicional ponto de encontro masculino que consolida a apropriação do entorno ao longo de muito tempo.



Fig. 6: Idosos socializam de pé. Fonte: Autoras, 2017.

As atividades externas promovem o compartilhamento de funções territoriais e mudanças de ambiências em escala não pessoal, porém social. Os núcleos eram muito próximos durante o uso intenso do trecho, gerando intercruzamentos e sobreposições territoriais e, devido ao fluxo, pouca rigidez, suas fronteiras se fundiam ao espaço pelo contato ampliado pela circulação. A ocupação configura mudanças cíclicas mais de usuários do que de atividades.

A disposição central dos bancos e a vegetação, que proporciona sombra, mas não delimitação, prejudicam a privacidade. Talvez por isso a permanência jovem não era expressiva. O encontro do atual e do tradicional constituem identidade lúdica. A ambiência tradicional é mantida pela configuração espacial (cafeterias); pela permanência de hábitos de socialização e por idosos com vestuário tradicional, típico em cafés (HOLLAND et al., 2007). Assim, a área se insere numa temporalidade fortemente marcada por outras épocas, própria de centros históricos de grande sociabilidade (ANDRADE, BAPTISTA, 2015), mas a falta de suporte a diversos níveis de privacidade e de formalidade (ou informalidade) espacial pode estar limitando o potencial de coexistência da diáde etária.

5.2.2 Área de rejeição idosa

Com os idosos representando apenas 13,6% da ocupação, a área 5 possui: (i) lojas de eletrodomésticos; (ii) menor fluxo; e (iii) *status* de “fim do calçadão” — sem acesso visual ao chafariz ou áreas mais movimentadas. A maioria das pessoas estava circulando, fortalecendo o significado de passagem: a configuração linear, a repetição de elementos e a falta de amenidades dificultam a fragmentação em ambiências sociais (Figura 7). O comércio produz uma atração decorrente de planejamento e fluxo funcional, sem instigar permanência (BERNARDINO et al., 2004). Esses espaços sociais pouco qualificados, genéricos e dedicados ao consumo são recorrentes na realidade latino-americana (COURET, 2015). O resultado é um uso cíclico espaçado, socialização eventual, em grupos distantes entre si e intercruzamento raro. Os idosos socializam de pé, na periferia, mas muitos estavam sozinhos, devido à menor vocação social da área.



Fig. 7: A área 5 favorece o fluxo funcional. Fonte: Autoras, 2016.

6 Microterritórios de apropriação etária: sistema territorial

O sistema territorial (HAESBAERT, LIMONAD, 2007) mostrou particularidades nos microterritórios etários a partir da análise das áreas:

Identidade: jovens mostraram interesse pela transgressão e rejeição à funcionalidade. Espaços funcionais e equipamentos fixos dificilmente comportam potencialidade e o uso lúdico que se aproxima do significado que o calçadão tem para o idoso. O significado lúdico do microterritório idoso também contrasta com o caráter funcional da sua área de rejeição;

Integração: coexistência de núcleos sociais em atividades simultâneas. No estudo, o acesso visual entre territórios e com outros espaços da tipologia fortaleceu a rede de conexão, promovendo integração e continuidade. Os idosos posicionaram-se nas periferias das áreas para a observação de atividades do centro, demonstrando integração passiva e predisposição de aproximação ao território jovem;

Fragmentação: ambiências reduzem a escala na percepção do usuário, atraindo diversidade. Na praça, diferentemente do calçadão, os arranjos permitem composições sociais desejáveis com privacidade e personalização num mosaico heterogêneo de pequenas homogeneidades (ALEXANDER et al., 1977). Assim, dificultam a dominância de um grupo sobre o outro, seja por tamanho ou distinção.

Inserção temporal: os territórios têm temporalidades divergentes, mas ambientes podem acomodar uma geodiversidade diacrônica de padrões, visíveis ou não (FERNANDES, 2012). Usos cotidianos e elementos criam vínculos emocionais (DIMENSTEIN, 2014) que atenuam efeitos colaterais de intervenções na identidade comunitária.

Diversificação cíclica: uma acomodação cíclica permeável ocorreu pela compatibilização espacial de ambiências flexíveis e complexas, que permitem alternância de usuários e atividades, ampliando critérios de compatibilidade (BOURDIEU, 1996, apud NETTO, 2014) entre atores sociais distintos. Na área jovem e potencial, os ciclos de uso eram curtos, atendendo a pessoas com intuítos diferentes e fomentando a sobreposição territorial. Na área idosa e formal havia permanência em comportamentos similares de intuito social. Quando uma só atividade prevaleceu, a repetição enfraqueceu potencialidade e diversidade;

Rigidez territorial: a tensão nos limites territoriais se mostrou menor em locais de grande fluxo, tendendo a se diluir na presença de outros usuários. Entretanto, certa rigidez dá sustentabilidade ao território. A separação de fluxo e permanência, é relevante quando os usuários demandam maior privacidade e controle, como os jovens.

Atração externa: limites dividem territórios, mas também são zonas de contato que podem favorecer o intercruzamento. Quando houve diversificação cíclica de atividades, a tendência foi atrair pessoas externas ao território, para observar. É relevante o caso dos idosos, que demonstraram interesse em observar outros territórios.

Escala: as tipologias têm abrangência municipal, atraindo usuários de áreas distantes, mas suas ambiências diminuem a escala ao nível social, em arranjos para necessidades sociais específicas. Na praça, a escala chega ao nível pessoal, há uma privacidade (ausente no calçadão) que pode ser o diferencial para o uso jovem.

A seção a seguir aborda essas particularidades dos territórios etários como estratégias de adaptação ao contexto atual.

7 COVID-19: uma comparação entre cenários

Este estudo evidenciou a atratividade de áreas verdes à diversidade geracional com intuito de permanência. Com o advento da pandemia, parques e praças tiveram uso e diversidade etária intensificados, mas, como espaços sociais bem-sucedidos, diminuem a atenção às diretrizes de distanciamento (GEHL, 2020). Como resposta, estratégias do Urbanismo Tático, caracterizadas por baixo custo, fácil implementação e consideração às características locais, têm sido implementadas na América Latina.

A estratégia da organização espacial em ambiências promove o distanciamento em áreas verdes potenciais. Destacam-se delimitações esteticamente agradáveis, como vegetação, ou lúdicas e atrativas às gerações, como o "*Mi Casa, Your Casa*", no México, no qual estruturas de atividades dispostas em *grid* (DESIGNBOOM, 2020) buscam integração comunitária passiva, respeitando o distanciamento. A interação passiva passou a ser estimulada na pandemia (SALAMA, 2020) pela continuidade visual em pontos de encontro, fortalecendo sua atratividade externa (MOULAY; DAOUJA, 2020). A estratégia da expansão separa fluxo e permanência, favorecendo distanciamento e privacidade onde antes não era possível. Buenos Aires ampliou calçadas e Córdoba reorganizou ruas, criando novas áreas para ciclistas, pedestres e permanência (ITDP, 2020).

Entretanto, a pandemia escancarou a desigualdade de acesso a áreas verdes nas cidades latino-americanas. Em São Paulo, por exemplo, alguns bairros têm 30 vezes mais arborização do que outros (QUEIROZ, 2021). A fragmentação urbana dificulta a implantação de estratégias de mobilidade como a cidade de 15 minutos e demanda intervenções de diferentes níveis. A criação de espaços informais para a diversificação de atividades e integração comunitária na pandemia é a solução do "Ferramentas de Esquina", em Florianópolis, um manual construtivo de mobiliário urbano como bancos individuais, brinquedos e delimitadores de distanciamento para territórios vulneráveis como favelas e terras indígenas; e do "Coordenada 0", no Equador, um aparato adaptável para atividades sociais, econômicas, comunitárias, educativas e ambientais (BID, 2021).

8 Conclusão

Os microterritórios estudados mostraram fatores potencializadores e limitadores da permeabilidade etária. A partir deles, foram tecidas as seguintes recomendações para espaços intergeracionais:

Acesso visual entre territórios: a integração territorial pela interação passiva pode explorar a importância diferencial dessa prática para idosos;

Diversidade de ambiências: propor um arranjo de estímulos ambientais que oportunize a variedade de apropriações;

Usos potenciais: transgressões acomodam usos inusitados que fogem do planejamento, adaptando lugares tradicionais à contemporaneidade e à heterogeneidade dos grupos sociais. A potencialidade espacial pode ser estimulada a partir do estudo comportamental numa dada área;

Acomodação vertical das camadas temporais: alterações do espaço urbano ao longo do tempo o adaptam às necessidades contemporâneas utilizando recursos modernos, mas elementos que marcam outras camadas temporais para grupos como os idosos, podem ser mantidos. A familiarização com significados adquiridos por apropriações de grupos vulneráveis, minimiza prejuízos por intervenções de resignificação;

Setorização fluxo/permanência: separar fluxo e permanência cria zonas de escape com diferentes níveis de privacidade e controle espacial, respeitando necessidades variadas. A configuração em "t"

em tipologias de fluxo como o calçadão sinalizou uma vocação à desaceleração, mas esta deve ser fortalecida com amenidades;

Diversidade de atividades: impulsiona o uso por grupos diversos e a atração externa, ou seja, pessoas de fora do território podem ser mais atraídas a observar atividades múltiplas.

Abordar microterritórios etários com foco intergeracional pode parecer contraditório, mas esses lugares de identidade são atratores dentro da dinâmica intergeracional, mantendo a vitalidade urbana durante e após a pandemia. Territórios permitem ocupações seguindo as diretrizes de distanciamento social, mas devem ser considerados em conjunto, num contexto fragmentado pelas especificidades etárias, porém conexo e permeável pelas semelhanças intergeracionais. Nesse processo, as recomendações são relevantes no contexto latino-americano. Garantir o acesso visual entre territórios, reconhecendo-os como um sistema integrado, e diversidade de atividades, promove interação passiva intergeracional e coesão comunitária dentro dos parâmetros seguros de distanciamento. Além disso, a abertura visual possibilita controle sobre aproximações indesejadas.

Com uma diversidade de ambiências, o projetista organiza usos potenciais, utilizando estratégias cognitivas que sugerem uma ocupação segura através de delimitadores agradáveis como vegetação e elementos lúdicos, atrativos à intergeracionalidade. Essa redução de escala aos níveis pessoal e social é relevante em cidades pensadas para automóveis, comuns na América Latina. A organização fluxo/permanência cria zonas de escape, distanciamento e áreas convidativas à caminhada, ligando espaços atratores desconexos. A acomodação das camadas temporais compatibiliza possibilidades contemporâneas e o tradicional e consolidado, respeitando o senso de lugar, que minimiza a hostilidade da pandemia. Além disso, refuta soluções importadas de outras realidades que pasteurizam o tecido urbano, apagando resquícios das camadas anteriores.

Essas recomendações visam um processo endógeno de intervenção, apoiado na teoria e na práxis urbana, considerando diferentes níveis de atuação. No contexto latino-americano, muitas estratégias da cidade formal não se aplicam à cidade informal. Nesse sentido, soluções do Urbanismo Tático possibilitam adaptações imediatas e ações exploratórias, que podem gerar e acompanhar ações estruturais a longo prazo. O cenário demanda uma maior coordenação global de ações nos países da América Latina, promovendo conexões físicas e visuais e o bom funcionamento etário em conjunto em estruturas urbanas fragmentadas. A diversidade latino-americana produz apropriações bem sucedidas que norteiam intervenções coesas e conexas, respeitando características locais insubstituíveis. A participação de todos os agentes sociais, em especial, agentes divergentes como jovens e idosos, tem um potencial peculiar de levar a cenários urbanos mais democráticos e de acesso igualitário.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no qual esta pesquisa foi desenvolvida, às pesquisadoras colaboradoras Lara Gomes e Samantha Balleste, envolvidas na coleta de dados, e a Marília Lima Santos pelas contribuições a este trabalho como revisora linguística.

Referências

ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M.; JACOBSON, M.; FIKSDAHL-KING, I.; ANGEL, S. **A pattern language**. NY: Oxford, 1977.

ÁLVAREZ, D.; FERREIRA, W. A deterioração urbana e “a cultura motorizada” na América Latina. **Equador**, [s.l.], v. 5, n. 2, p. 205-222, 2016.

ANDRADE, C. Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. **Análise Psicológica**, [s.l.], v. 28, n. 2, p.255-267, 2010.

ANDRADE, L.; BAPTISTA, L. Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos. **Sociologia**, [s.l.], v. XXIX, p.129-146, 2015.

ASCHER, F. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BBC NEWS. **Older people's human rights under Covid to be examined**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-wales-politics-53485127>. Acesso em: 02 fev. 2021.

- BERNARDINO, E.; PACANOWSKI, M.; KHOURY, N.; REIS, U. **Marketing de varejo**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (BID). **Ideatón Volver a la Calle**. 2021. Disponível em: <https://www.iadb.org/es/desarrollo-urbano-y-vivienda/ideaton-volver-la-calle-soluciones-poscovid19-nuevo-comun-urbano>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- BURKE, S. Stronger together? Intergenerational connection and covid-19. **Quality In Ageing And Older Adults**, [s. l.], v. 21, n. 4, p. 253-259, 2020.
- COURET, D. Current Trends in Latin American Architecture and Urbanism: 1990-2014. **Arquitectura y Urbanismo**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 128-138, 2015.
- DESIGNBOOM. **'mi casa, your casa' is a playful urban installation for the time of social distancing**. 2020. Disponível em: <https://www.designboom.com>. Acesso em: 8 nov. 2020.
- DEVINE-WRIGHT, P.; CARVALHO, L.; MASSO, A.; LEWICKA, M.; MANZO, L.; WILLIAMS, D. "Re-placed" - Reconsidering relationships with place and lessons from a pandemic. **Environmental Psychology**, [s.l.], v. 72, p. 101514-101522, 2020.
- DIMENSTEIN, M. **Experiências urbanas de idosos no centro de João Pessoa**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- FERNANDES, J. Cityscapes: símbolos, dinâmicas e apropriações da paisagem cultural urbana. **Patrimônio Cultural e Paisagístico**, [s.l.], p.145-162, 2012.
- FILGUEIRAS, B. Metrôpoles em crise: vida urbana na América Latina contemporânea e a problemática dos vínculos sociais. **Cadernos Ippur**, [s.l.], v. XXII, n. 1, p. 173-192, 2008.
- FREHSE, F. **Desigualdades no uso corporal dos espaços públicos urbanos na América Latina**. Berlin: desiguALdades.net, 2016.
- GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GEHL, J. **Public space and public life during COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://issuu.com/gehlarchitects/>. Acesso em: 24 dez. 2020.
- HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. **Etc, Espaço, Tempo e Crítica**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 39-52, 2007.
- HARVEY, D. **Anti-Capitalist Politics in the time of Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://www.democracyatwork.info>. Acesso em: 04 mar. 2021.
- HOLLAND, C.; CLARK, A.; KATZ, J.; PEACE, S. **Social interactions in urban public places**. Bristol: The Policy, 2007.
- IBGE. Ministério do Planejamento. **IBGE Perfil das Cidades Pelotas/RS**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 set. 2020.
- ITDP. **Gestão de espaços públicos na retomada pós-Covid**: escala da cidade e escala da rua. 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/953049/gestao-de-espacos-publicos-na-retomada-pos-covid-escala-da-cidade-e-escala-da-rua>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- LAYNE, M. **Supporting Intergenerational Interaction**: Affordance of Urban Public Space. 2009. Tese (Doutorado em Design) - North Carolina State University, Raleigh, 2009.
- LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.
- LIBARDONI, T. **Espaços públicos urbanos e relações intergeracionais**: *Affordances* de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018.

- LOW, S.; SMART, A. Thoughts about public space during Covid-19 pandemic. **City and Society**, [s.l.], v. 32, n.1, 2020.
- MARICATO, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (eds.), **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121-192.
- MARTÍN-BARBERO, J. Projetos de modernidade na América Latina. In: DOMINGUES, J. M.; MANEIRO, M. (org.). **América Latina Hoje: conceitos e interpretações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 19-52.
- MORAES, C.; MARQUES, E.; RIBEIRO, A.; SOUZA, E. Violência contra idosos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: contribuições para seu enfrentamento. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 4177-4184, 2020.
- MOULAY, A.; DAOUIA, C. **The post COVID-19 aspect of public open spaces: an economic and urban design perspective**. 2020. Disponível em: <https://futureofearth.online/>. Acesso em: 13 dez. 2020.
- NETTO, V. **Cidade & sociedade: as tramas da prática e seus espaços**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- O'SULLIVAN, C.; MULGAN, G.; VASCONCELOS, D.. **Innovating better ways of living in later life: Context, Examples and Opportunities**. Londres: Young Foundation, 2010.
- PAPALIA, D.; FELDMAN, R. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- PÁRAMO, P.; BURBANO, A. M.; DOMÍNGUEZ, B. J.; BARRIOS, V.; PASQUALI, C.; VIVAS, F.; MOROS, O.; ALZATE, M.; FAYAD, J. C. J.; MOYANO, E. La habitabilidad del espacio público en las ciudades de América Latina. **Avances En Psicología Latinoamericana**, [s.l.], v. 36, n. 2, p. 345, 2018.
- QUEIROZ, L. **Pandemia escancara desigualdade de acesso a áreas verdes em São Paulo**. 2021. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2021/04/pandemia-escancara-desigualdade-de-acesso-areas-verdes-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- RELPH, E. A Pragmatic Sense of Place. **Environmental & Architectural Phenomenology**, [s. l.], v. 20, n. 3, p.24-31, 2009.
- RIBEIRO, L. **Metrópole: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- RODRÍGUEZ, E. Jóvenes y ciudades en un mundo globalizado: relaciones intergeneracionales y espacio público desde una perspectiva latinoamericana y con enfoque de derechos. In: Congreso Internacional de Ciudades Educadoras, 16, 2016, Rosario. **Anais [...]**. Rosario: 2016. p. 1-30.
- SACK, R. Human Territoriality: A Theory. **Annals of The Association of American Geographers**, [s.l.], v. 73, n. 1, p. 55-74, 1983.
- SALAMA, A. Coronavirus questions that will not go away: interrogating urban and socio-spatial implications of covid-19 measures. **Emerald**, [s.l.], v. 2, p. 3-14, 2020.
- SANOFF, H. **Visual research methods in design**. NY: Van Nostrand Reinhold, 1991.
- SCARDINO, R. Politizar espaços e discursos: literatura, arte e direitos humanos na américa latina. **Rua**, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 24-49, 2017.
- SHAW, P.; HUDSON, J. The Qualities of Informal Space: (Re) appropriation within the informal, interstitial spaces of the city. In: occupation: negotiations with constructed space, 1., 2009, Brighton. **Proceedings...** Brighton: University Of Brighton, 2009.
- WHO. **Decade of Healthy Ageing 2020-2030**. 2019. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/documents/decade-of-health-ageing/decade-ageing-proposal-en.pdf?Status=Temp&sfvrsn=b0a7b5b1_12. Acesso em: 21 abr. 2021.

WHO. **World health statistics 2020**: monitoring health for the SDGS, sustainable development goals. Geneva: WHO, 2020.

VALENCIA, E. ¿Es moderno el urbanismo latinoamericano? **Andamios**, México, v. 10, n. 22, p. 129-145, 2013.